

“QUE DANÇA É ESSA?”: DISCUSSÕES RECEBIDOS PELA DANÇA NA EDUCAÇÃO BÁSICA

Vanessa Braga Santos ¹
Hellen Lopes Souza ²
Rosangela Souza de Oliveira ³
Lincoln Aguiar Santos ⁴

RESUMO

Partindo de um relato de experiências pretende-se discutir, neste trabalho, uma visão crítica à forma como a Dança vem sendo trabalhada em escolas de educação básica – geralmente em forma de oficinas. Muitas vezes não há interesse em conhecer esta linguagem artística como área de conhecimento, visto que em muitas instituições de ensino a Dança é considerada uma atividade de lazer. Porém, nos é sabido que a mesma se trata de uma área ampla de estudos, tendo por objetivo trabalhar o conhecimento corporal, mental, social, cultural e político, ainda mais levando em consideração sua importância na educação básica, através do ensino teórico-prático (Strazzacappa; Morandi, 2006). Como área de estudo e conhecimento, a Dança não é um caminho de facilidades, mas um processo trabalhoso de des(construção). Desta forma, o objetivo do trabalho é discutir como podemos perpassar o espaço do chão da escola, desconstruindo algumas imagens equivocadas do que se entende por Dança. Tal discussão é gerada através de uma experiência vivenciada em conjunto por graduandas de Licenciatura em Dança pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB no Colégio da Polícia Militar (CPM) da cidade de Jequié-BA. Por sua vez, estas vivências foram possíveis por meio do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (Pibid) da Capes mediante o subprojeto "Luar – Ludicidade e Artes". Os relatos são referentes a práticas com alunos do Ensino Fundamental II e Ensino Médio, e constam em diários de bordo e relatórios individuais propostos pelas bolsistas. Foi observado, durante a investigação, que há neste espaço uma visão reduzida sobre o que é Dança. Em sua maioria, as ações reproduzem/copiam aquilo que está nas mídias sociais como TikTok e Instagram, com coreografias que não possuem estudo específico ou nem mesmo foram propostas por uma pessoa com formação na área.

Palavras-chave: Oficina de Dança, Mídias Sociais, Educação Básica, Iniciação à Docência

INTRODUÇÃO

Partindo de um relato de experiências pretende-se discutir, neste trabalho, uma visão crítica à forma como a Dança vem sendo trabalhada em escolas de educação básica – geralmente em forma de oficinas. Muitas vezes não há interesse em conhecer

¹ Graduanda do Curso de Licenciatura em Dança da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB, 202010344@uesb.edu.br;

² Graduado pelo Curso de Licenciatura em Dança da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB, 201912444@uesb.edu.br;

³ Graduanda do Curso de Licenciatura em Dança da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB, 202110707@uesb.edu.br;

⁴ Mestrando pelo Curso de Pós-Graduação em Letras: Cultura, Educação e Linguagens (PPGCEL) da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia UESB - BA linksakai@hotmail.com;

esta linguagem artística como área de conhecimento, visto que em muitas instituições de ensino a Dança é considerada uma atividade de lazer. Porém, nos é sabido que a mesma se trata de uma área ampla de estudos, tendo por objetivo trabalhar o conhecimento corporal, mental, social, cultural e político, ainda mais levando em consideração sua importância na educação básica, através do ensino teórico- prático. Segundo Strazzacappa (2006):

“A dança no espaço escolar busca o desenvolvimento não apenas das capacidades motoras das crianças e adolescentes, como de suas capacidades imaginativas e criativas. As atividades de dança se diferenciam daquelas normalmente propostas pela educação física, pois não caracterizam o corpo da criança como um apanhado de alavancas e articulações do tecnicismo esportivo, nem apresentam um caráter competitivo, comumente presente nos jogos desportivos. Ao contrário, o corpo expressa suas emoções e estas podem ser compartilhadas com outras crianças que participam de uma coreografia de grupo”. (Strazzacappa.2006. p. 73-74)

Como área de estudo e conhecimento, a Dança não é um caminho de facilidades, mas um processo trabalhoso de des(construção). De acordo com Marques (1990, p.14) algumas das razões para a dança ser pouco compreendida enquanto área de conhecimento são:

“a ignorância daquilo que pode ser considerado dança, a falta de visão de que a dança não é necessariamente algo academizado, a falta de experiência das pessoas no que diz respeito à dança, uma concepção restrita de educação e, também, a dificuldade de lidar com o corpo durante tantos séculos condenado ao profano e ao pecado”. (Marques, 1990. p. 14)

Desta forma, o objetivo deste trabalho é discutir como podemos perpassar o espaço do chão da escola, desconstruindo algumas imagens equivocadas do que se entende por Dança. Tal discussão é gerada através de uma experiência vivenciada em conjunto por graduandas de Licenciatura em Dança pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB no Colégio da Polícia Militar (CPM) da cidade de Jequié-BA. Por sua vez, estas vivências foram possíveis por meio do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (Pibid) da Capes mediante o subprojeto "Luar – Ludicidade e Artes". No período em que estivemos em sala de aula, observamos como a visão de Dança na escola encontra-se limitada, tendo em vista apenas a reprodução do que já existe, ou que visualizam nas redes sociais (Tik Tok, Instagram...) onde encontram-se, de forma massificada, coreografias que muitas das vezes não tem um estudo ou aprofundamento devidos, muitas vezes criada por pessoas que não têm formação na área da Dança, criadas apenas para “vender”.

METODOLOGIA

No segundo semestre de 2023 demos início às atividades no colégio CPM, e uma das ações propostas para nós foi ofertar oficinas para os Projetos Estruturantes artístico-culturais que são desenvolvidos no ambiente escolar da rede estadual da Bahia, para a promoção e incentivo das diversas linguagens artísticas no currículo, sendo realizado em algumas etapas, sendo elas: interna, que é na própria escola, após a classificação dos integrantes passe-se para a segunda etapa, competição regional do mesmo NTE, nesse momento já define os representantes do NTE para a próxima etapa, no caso a final que leva os representantes para a competição em Salvador -BA com os outros que representam os NTEs, de toda a Bahia. Dentro dos Projetos Estruturantes temos diversas modalidades⁵, sendo o nosso foco de trabalho a Dança Estudantil (Dance), que promove o desenvolvimento e a prática da dança como forma de expressão artística. Todas as linguagens que este projeto proporciona são concebidas a partir de uma perspectiva crescente, pois entendem a arte como objeto de ampliação do conhecimento e de prazer, e o estudante como produtor do conhecimento artístico e cultural.

Coube a nós levar à escola a oficina de Dança, para competir na categoria do Dance. Preparamos uma breve apresentação artística como forma de convite no momento do intervalo, e em seguida estivemos nas salas explicando sobre o projeto. Passando a fase de divulgação e apresentação, aguardamos as inscrições, porém, apenas uma discente de 16 anos, do 2º ano do Ensino Médio, se dispôs a participar da oficina de Dança. Diante dessa escassez de alunos para a participação das oficinas propostas, desenvolvemos alguns estudos teóricos e práticos para identificarmos a melhor forma e temática a ser trabalhada, assim partimos para o primeiro encontro com a estudante. Durante esse encontro notamos a presença influente das danças de Tik Tok, o que causou uma dificuldade em inserir a proposta de uma coreografia autoral. Entretanto, para contornar essa situação, procuramos maneiras de adaptar alguns desses passos, de forma que pudessem ser encaixados em uma sequência de dança, procurando entender como reestruturá-los a favor da intérprete incentivando a sua criatividade.

⁵ Artes Visuais Estudantis (AVE), Festival Anual da Canção Estudantil (Face), Tempo de Arte Literária (TAL), Educação Patrimonial e Artística (EPA), Produção de Vídeos Estudantis (Prove), Encontro de Canto Coral Estudantil (Encante), Festival Estudantil de Teatro (Feste) e a Dança nas escolas (Dance).

Dessa maneira, desenvolvemos alguns laboratórios de estudos com a discente para entender se a mesma possuía algum outro contato com a dança sem ser somente das mídias digitais. Nesse processo laboratorial ela nos trouxe ideias de estar “presa”, pois o lugar que ela mas se sentia à vontade para dançar era dentro do seu quarto, todavia ela nos relatou também um breve contato com a ginástica rítmica, levamos então questionamentos de como a dança estava inserida em seu contexto e quais sentimentos lhe atravessava. Logo, buscamos compreender estes quesitos auxiliando e desenvolvendo a montagem do solo, promovendo assim seu autoconhecimento corporal, e o entendimento da Dança como um campo de estudo, entendendo aos poucos como a dança faz parte do nosso cotidiano e como pode-se reverberar em uma criação cênica, promovendo sentido as movimentações, pensando nisto, Isabel Marques (2003) nos traz a ideia de que:

A dança possibilita uma percepção e um aprendizado que somente são alcançados por meio do fazer-sentir que tem ligação direta com o corpo, que é a própria dança. mas para que se possa compreender e desfrutar, estética e artisticamente, a dança, os corpos devem estar também engajados de forma integrada com o seu fazer-pensar. (Marques, 2003, p.72).

Depois de algumas experimentações começamos a compor células coreográficas. A estudante, apesar da dificuldade em trazer algo autoral, estava sempre disposta a experimentar algo novo, tendo uma desenvoltura muito flexível aos movimentos que pareciam ser difíceis de serem executados, porém com ela ficava tudo, mas “fácil”.

Chegamos, então, ao dia que seria a primeira etapa da competição (culminância interna dos projetos), um encontro realizado pelo Núcleo Territorial de Educação 22 (NTE 22 - Bahia) no colégio CPM. A coreografia apresentada foi intitulada “*Open Yours Eyes*” (o Abrir dos Olhos), tendo em sua proposta o objetivo de retratar a arte como uma forma de se libertar, através da dança, unindo elementos do seu cotidiano, trazendo a ideia de ver além do que está a sua frente, ao seu redor, mas enxergar fora do óbvio saindo da caixinha que muitas vezes nos colocamos, como se apenas isto fosse o suficiente. Após essa etapa de apresentações, aguardamos as datas em que seriam realizadas as outras etapas, lembrando que os projetos subdividem-se em três etapas: a primeira numa competição interna da própria escola, a segunda etapa regional - ou seja, com escolas de um mesmo Núcleo Territorial de Educação (NTE), e a terceira etapa

com os outros NTEs do Estado da Bahia. Como, na etapa escolar, tínhamos apenas um solo, ele automaticamente se classificou para a segunda etapa do projeto.

Chegamos ao fim das nossas atividades no CPM, devido ao tempo de conclusão do projeto PIBID, porém nos mantivemos auxiliando a estudante no decorrer das próximas etapas. Foi então que, na etapa regional da competição, tivemos a alegria de levar o prêmio de primeiro lugar, dando a possibilidade de apresentar a coreografia em Salvador - BA, para a última etapa dos Projetos Estruturantes. Foi uma imensa alegria essa oportunidade que tivemos, como uma primeira experiência no chão escolar, obtivemos um retorno apesar dos pesares.

REFERENCIAL TEÓRICO

Para nos auxiliar durante todo o trajeto, desde a primeira até a última oficina na escola, elaboramos planos de aula que estruturam, conseqüentemente, as ideias e dinâmicas a serem realizadas em cada encontro. O plano de aula surgiu como um desafio para as três graduandas de dança, visto que, não tínhamos tanto conhecimento em como elaborar e organizar as ideias para tal. Ao mesmo tempo que estávamos adquirindo autonomia e responsabilidade em assumir uma sala de aula sozinhas, não precisamos fazer planos de aula bem elaborados para entregar ao supervisor e à coordenadora do Pibid, mas de fato entender como funcionava a estrutura e o planejamento deles. Segue abaixo um recorte do nosso primeiro plano de aula:



OFICINA DE DANÇA

COLÉGIO DA POLÍCIA MILITAR

PROF. SUPERVISOR: Lincoln Aguiar

BOLSISTAS: Hellen Lopes, Rosângela Souza e Vanessa Braga



DATA: 10/08	ATIVIDADES: 1. Alongamentos e Aquecimentos; 2. Jogo com a bola; 3. Dinâmica em dupla de seguir o movimento da mão do outro; 4. Jogo de criação coreográfica a partir de sua história (com os olhos fechados); 5. Ciranda com o que bom, que tal	RECURSOS MATERIAIS: • Caixa de Som
OBS.:	Elaboração e definição das cenas para o DANCE através das vivências de hoje e de temas propostos.	

Plano de aula realizado em agosto de 2023 (foto de arquivo pessoal)

Para essa jornada em pensar e desenvolver ideais para a realização destes planos de aulas trouxemos estudos teóricos e práticas desenvolvidas pelas graduandas na faculdade para direcionamento nas atividades. Dentre os estudos teóricos, vale destacar o livro "Pedagogia da Autonomia: Saberes Necessários à Prática Educativa" (1996), de Paulo Freire. Este livro proporcionou e auxiliou nosso desenvolvimento em sala de aula, entendendo como tornar as aulas mais dinâmicas e promover a autonomia dos alunos. No caso, apenas uma aluna permaneceu, pois tivemos duas desistências a partir do segundo encontro, ela desejava desenvolver um solo.

Neste livro, Freire defende a importância de uma educação que promova a autonomia dos alunos, permitindo que se tornem protagonistas de seu próprio aprendizado.

“O professor que pensa certo deixa transparecer aos educandos que uma das bonitezas de nossa maneira de estar no mundo e com o mundo, como seres históricos, é a capacidade de, intervindo no mundo, conhecer o mundo.” (Freire, 1996, p. 14)

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Baseado nas discussões que levamos, no processo de construção desse solo, levando em conta a autoria da criação coreográfica, a experiência foi altamente positiva,

tanto pelo prêmio de primeiro lugar conquistado pela discente quanto pela influência motivadora sobre outros alunos do Colégio CPM, inspirando-os a participar do projeto em 2024. O sucesso do projeto abriu um caminho para futuras iniciativas, incentivando a continuidade da participação de alunos em atividades artísticas e culturais. Essa experiência contribuiu para fortalecer o senso de autoria e confiança dos alunos na criação artística. Embora talvez não tenhamos mudado totalmente a ideia e o conceito do que já se tem sobre a dança, tivemos a oportunidade de olhar a dança de outra perspectiva, e tudo começa quando você se dispõe a fazer a diferença.

Em diálogo com a discente, ela relata como foi sua experiência em 2023: “No ano passado, tive uma experiência inesquecível com a dança nos estruturantes. Fui para Salvador e dancei em lugares especiais, como no CEEP⁶, no Colégio Militar, Centro de Cultura⁷, UESB e até na Arena Fonte Nova. Foi incrível realizar esse sonho de me apresentar em um palco, algo que sempre desejei. A energia, a emoção e o apoio de todos fizeram essa experiência ser única. Além de curtir e me divertir muito, senti que inspirei outras pessoas a seguirem suas paixões. Definitivamente, eu toparia fazer tudo de novo” (Discente do CPM; Solista representante do DANCE pelo NTE 22 no ano de 2023).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A dança esteve, por muito tempo, num lugar de entretenimento da corte, de pessoas importantes, ou como um ato de lazer para muitos. Atualmente, a dança se faz presente como componente curricular na Base Nacional Comum Curricular (BNCC) como uma área de estudo para o Ensino Fundamental e Ensino Médio. No entanto, ainda não temos uma prática efetiva seguindo os critérios da BNCC, e o espaço que temos ocupado nas escolas tem sido através de projetos de universidades, estado e prefeitura, na função de oficinairos e professor(a) de Arte. Contudo, esperamos que a dança seja compreendida como área de conhecimento, e também tendo um maior reconhecimento da mesma nas instituições de ensino, considerando que na atualidade há cursos profissionalizantes para o ensino da dança. Na cidade de Jequié, por exemplo, temos a UESB (Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia) com o curso de

⁶ Centro Estadual de Educação Profissional em Gestão e Tecnologia da Informação Régis Pacheco - Jequié - BA

⁷ Centro de Cultura Antonio Carlos Magalhães (ACM) - Jequié - BA

Licenciatura em Dança ministrado em um período de quatro anos em que o discente já sai apto para ocupar esse lugar de docência. Como estudantes na área ansiamos a chegada desse tempo em que a dança terá seu espaço garantido dentro do ambiente escolar, não mais como uma forma de entretenimento, ou uma coreografia para dias especiais como Dia das Mães, Meio Ambiente, enfim, datas comemorativas.

A incorporação da dança nos PCNs (Parâmetro Curricular Nacional) visa encarar o ensino da dança como uma atividade educativa, lúdica e criativa e contextualizar a construção do conhecimento, seja brincando, pulando ou dançando. Em tese, a proposta de inclusão da dança nos PCNs é muito importante para a nossa visão educacional atual, mas a prática desta proposta precisa ser reavaliada, pois o que temos não é um recurso de aprendizagem e sim uma forma de descanso, diversão, até sem conteúdo programático, o caso também é um recurso. Ainda há um longo caminho a ser percorrido de reconhecimento da dança como campo de conhecimento, e não mais agregada a área da educação física ou inserida no componente curricular de Artes. A Dança é uma modalidade artística sim, mas, não se resume a isso. Tivemos um retorno positivo com a discente do CPM e, talvez, ela comece a olhar a dança de outra forma desde os estudos e experimentações que praticamos com ela. Porém, este é um trabalho minucioso que não depende apenas de uma pessoa, mas sim, de uma comunidade com um mesmo propósito, para chegar ao objetivo que todos estudantes da área da dança (e talvez não apenas da Dança, mas em outras categorias de Artes) almejam alcançar.

REFERÊNCIAS

Freire, Paulo. **Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

Marques, Isabel. **Ensino de Dança Hoje: textos e contextos**. São Paulo, Cortez, 1999

Ossona, Paulina. **A educação pela dança**. São Paulo: Summus, 1988

REVISTA DIÁLOGO EDUCACIONAL. **Formação para o ensino de dança**. Curitiba, jan./abr. 2008 REVISTA KINESIS. Porto Alegre, n. 25, 2001.



Strazzacappa, M. **Entre a Arte e a Docência**: a Formação do Artista de Dança. [s.l.] Papirus Editora, 2006.

BRASIL. Conselho Nacional da Educação. Câmara de Educação Básica. Resolução nº 2, de 11 de setembro de 2001. **Diretrizes Nacionais para Educação Especial na Educação Básica**. Diário Oficial da União, Brasília, 14 de setembro de 2001. Seção IE, p. 39-40. Disponível em: < <http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/CEB0201.pdf>>. Acesso em: 06 fev. 2020.